

# Amor como em casa: o lugar da família (e) dos afetos na Literatura Infantil contemporânea

Teresa Mendes  
Escola Superior de Educação  
do Instituto Politécnico de Portalegre  
teresa.mendes@esep.pt

## Resumo

Este artigo pretende demonstrar que a literatura infantil contemporânea é um lugar de afetos, onde moram as palavras e as imagens criando uma atmosfera poética que contribui para a formação estético-literária das crianças (pré)leitoras, um lugar repleto de sentidos que crianças e potenciais leitores adultos vão (re)construindo com a sua particular forma de ver e de sentir. Pretende-se igualmente demonstrar que, apesar de ainda predominar a visão nostálgica e conservadora da família, a literatura infantil apresenta igualmente novos modelos familiares, incorporando temas tradicionalmente considerados tabu, como a homossexualidade, o divórcio e a adoção, com naturalidade e sem falsos moralismos, no respeito pela inteligência e pela sensibilidade do público infantil.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; afetos; família.

## Abstract

This article aims to demonstrate that the contemporary children's literature, which is a place of affection, a place where words and images create a poetic atmosphere that contributes to the formation of aesthetic-literary children (pre) readers, a place full of meanings that children and potential adult readers will (re) build, with their particular way of seeing and feeling. It is also intended to demonstrate that, although still dominates the nostalgic and conservative vision of family, children's literature also presents new family models, incorporating themes traditionally considered taboo as homosexuality, divorce and adoption, naturally and without false moralism, in the respect for the intelligence and sensitivity of children.

**Key-words:** Children's literature; affection; family.

Pedi de empréstimo as palavras ao saudoso Manuel António Pina para o título do meu artigo porque a Literatura Infantil é, para mim, um lugar de afetos onde me sinto verdadeiramente em casa, um lugar a que cheguei pela mão da Isabel Vila Maior, andava eu ainda à procura do meu rumo em termos profissionais.

Foi nesse lugar fascinante que redescobri os clássicos – o *Peter Pan*, o *Pinóquio*, a *Alice*, o *Príncipezinho* e tantos outros –, que deixara num passado longínquo e de onde regressaram rejuvenescidos, como se o tempo

os tivesse indelevelmente preservado e os trouxesse intactos até mim graças ao poder reconstrutor da memória e à magia da leitura.

Foi nesse lugar que descobri grandes autores que não conhecia, distraída que andava por outros caminhos da leitura. Hoje sei, como de imediato intuí quando os li pela primeira vez, que não seria a mesma pessoa se não tivesse lido António Torrado, Maria Alberta Menéres, Álvaro Magalhães, Manuel António Pina, Alexandre Honrado, Alice Vieira, Matilde Rosa Araújo, Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, Sophia e tantos outros.

Nos seus textos encontrei um *admirável mundo novo* que até então me era desconhecido, e que, na minha ingenuidade, considerava apenas para crianças. Não era. Porque essa literatura, durante tanto tempo marginalizada e subalternizada relativamente à sua congénere para adultos, como fui percebendo à medida que a descobria, e que nela me embrenhava apaixonadamente, não seduz apenas o leitor infantil: nela, o adulto reencontra a criança que já foi e reaprende a ler o mundo com os olhos virginais de espanto, com a inocência de quem se atreve a despir a pele de gente crescida e entra numa outra dimensão: a do afeto e da ternura.

E, fosse pelo riso, fosse pelas lágrimas, o certo é que os textos do António, da Luísa, da outra Luísa, da Matilde, da Alice, do Álvaro, da Sophia – assim os trato, pelo nome sem apelido, porque é assim que trato os amigos – criaram sempre em mim um impacto emocional que nunca escondi.

Veze sem conta chorei nas minhas aulas de Literatura Infantil com os textos da Matilde, em especial com “A fita vermelha”, esse magnífico conto que nos fala de uma perda irreparável e da tristeza profunda que a morte de uma aluna provocou na sua professora, a braços com um sentimento de culpa que atravessa os tempos e continuamente se faz presente pela via da rememoração e da saudade. Um texto que nos ensina que “o amor dos outros se não adia” e que não devemos adiar os nossos gestos.

Ou com os textos do Álvaro Magalhães, em especial com o extraordinário conto intitulado “Onde está a felicidade”, um conto que nos leva a acompanhar o percurso existencial e de deambulação do Sr. Pascoal em busca da felicidade, mostrando-nos que ela, afinal, está bem perto de nós, num lugar que muitas vezes abandonamos para procurar o que, sem o ver, já havíamos encontrado.

Estes e muitos outros textos, imbuídos de uma profunda carga filosófica e de um sentido estético evidente, ficam poeticamente em nós, ecoando, e voltam repetidamente como só voltam as coisas que verdadeiramente amamos, porque, em boa verdade, nunca de nós chegamos a partir.

Pensar, portanto, como alguns ainda pensam, que a Literatura Infantil é um

território árido e desprovido de ambivalências, de múltiplos sentidos, um lugar por onde passam apenas personagens destituídas de complexidade e densidade psicológica, onde apenas se dá a conhecer à criança um mundo cor de rosa e irreal, em pinceladas de folclore, no sentido pejorativo do termo, onde tudo é óbvio e miniatural, onde os temas tabu são proibidos, onde não há lugar para a reflexão nem para a imaginação, onde a linguagem é simplista e stupidificante porque, supostamente, é a única que as crianças podem entender, um lugar que se destina apenas a ser habitado por quem ainda não cresceu, é ter deste património riquíssimo uma visão redutora e deformada. É confundir Literatura Infantil com livros para crianças (e tantos há sem qualidade, convém não esquecer) e meter tudo dentro do mesmo saco, como metaforicamente refere Álvaro Magalhães (2002: 211).

Ora, ao contrário dos livros para crianças destituídos de uma dupla dimensão (estético-literária e imaginante), livros que Álvaro Magalhães, ironicamente, considera «literaturazinha para crianças» por serem “os livros dos inhos (...), das adjetivações solenes, das poetizações primárias, dos lugares-comuns, das estrelas tremeluzindo nas superfícies dos lagos e das asas do sonho que tudo resolvem, encobrindo a incapacidade argumental” (2002: 211), a Literatura Infantil contemporânea é um lugar de afetos, onde as palavras, usadas de forma poética e plurissignificativa, são frequentemente emolduradas de silêncios eloquentes, estimulando a capacidade inferencial da criança que assim é desafiada a preencher os vazios discursivos propositadamente deixados em suspenso.

Ora, a participação ativa da criança neste dinâmico processo hermenêutico de interpretação do lido afigura-se-me imprescindível para estabelecer os alicerces de uma verdadeira competência leitora que facilitará a entrada gradual na literatura adulta, porque a criança, que intuitivamente (ou conduzida pela mão do adulto-mediador) se apropria das regras do policódigo literário, aprende a desautomatizar o seu olhar e a penetrar na estrutura profunda do texto, percorrendo os trilhos que lhe são propostos ou insinuados. É dessa forma que pessoaliza a significação textual, construindo uma pluralidade de

leituras que se revelará determinante na sua formação literária de ser em crescimento.

Mas falar de Literatura Infantil é também falar de ilustração e eu, leitora ávida e compulsiva dos livros para crianças, descobri que eles são, cada vez mais, objetos estéticos de grande qualidade, em especial os álbuns ilustrados, que revolucionaram, nas últimas décadas o universo dos livros especialmente endereçados aos pré-leitores e aos leitores iniciais. Objetos riquíssimos, que conjugam em perfeita sintonia a arte da palavra e a arte visual, numa simbiose perfeita entre texto e imagem, nos álbuns ilustrados a relação dialogal e a fusão intersemiótica entre as duas linguagens – verbal e pictórica – potenciam a instauração de uma atmosfera poética de verdadeira pregnância significativa que se afigura imprescindível na formação estético-literária do jovem (pré)leitor, auxiliando-o a compreender as potencialidades e as virtualidades da linguagem literária e a aceder mais facilmente ao universo simbólico da representatividade plástica.

Dáí que o meu deslumbramento pela ilustração tivesse sido uma inevitabilidade e rapidamente fiquei rendida à arte da Teresa Lima, do André Letria, da Danuta, do João Caetano, do Júlio Vanzenler, do António Modesto, da Manuela Bacelar, da Natália Córias, da Cristina Valadas, do Gémeo Luís, do Paulo Galindro, só para dar alguns exemplos de grande ilustradores portugueses que, ampliando os sentidos dos textos que foram convidados a ilustrar, através da sua particular expressão artística e de uma retórica visual que inclui o recurso a uma composição plástica sugestiva e apelativa, a uma iconografia simbólica e a uma paleta de cores que traduz a mensagem e os sentidos veiculados pelo texto escrito, fizeram dos livros para crianças verdadeiras obras de arte.

No domínio dos álbuns ilustrados, muito deles traduzidos e editados por grandes editoras como a Kalandraka, a Bruáa, o Planeta Tangerina, a OQO, só para dar alguns exemplos, encontrei obras que me marcaram profundamente enquanto leitora. Obras que, ora recorrendo ao registo humorístico ora ao poético-filosófico, nos dão a conhecer uma visão alegórica do mundo e da condição humana, abordando temas pouco habituais

e veiculando valores de uma forma subtil e comovente.

Álbuns como *Eu espero*, *A Grande Questão*, *O Livro Negro das Cores*, *O Livro da Avó*, *Frederico*, *O Ponto*, *Flicts*, *O Pequeno Azul e o Pequeno Amarelo*, *Quando a Mãe Grita...* e tantos tantos outros, encheram-me de sim. Não há outra forma de o dizer. Alguns, porventura mais cétricos, acharão difíceis e contraproducentes esses livros em que a complexidade do discurso e a dimensão artística das ilustrações poderão revelar-se ininteligíveis para os seus potenciais recetores infantis. Tenho, contudo, para mim a convicção de que a criança, mesmo não compreendendo na plenitude os sentidos implícitos do discurso verbal e o simbolismo das ilustrações, facilmente se deixará deslumbrar pelas sonoridades, pelos ritmos melódicos, pelas combinações lexicais inusitadas, pela metaforização do real, isto é, pelas virtualidades e potencialidades do discurso literário, como diria Aguiar e Silva, e pela riqueza expressiva e simbólica das imagens.

Defendo por isso que a relação dialogal entre texto e imagem permite a criação de uma atmosfera poética que seduz e provoca deslumbramento, estimulando a sensibilidade, a capacidade imaginativa e hermenêutica da criança (pré)leitora, cabendo ao adulto-mediador a tarefa de a ajudar a focalizar o olhar e a entrar sem receio pelos bosques da ficção.

Nesse mundo ainda por descobrir, a criança, muito provavelmente, descortinará caminhos que a conduzirão à consciencialização e valorização de si e da sua relação com os outros, num percurso indagador de tipo iniciático que a fará procurar nos textos e nas ilustrações que se oferecem ao olhar um sentido, ou vários, para o seu existir. Nos livros encontrará novas formas de ler o mundo, personagens que, como ela, se inquietam, se questionam, duvidam, que sofrem e se enternecem, que se zangam, amuam, que se perdem dentro do seu labirinto interior, mas que no final encontram sempre a sua casa, pois, como diria Saramago, “chegamos sempre onde nos esperam”.

É pela via da afetividade que os livros encontram os seus leitores e que os leitores se encontram nos livros. Seja pela emoção estética, seja pela identificação projetiva, seja pela capacidade de entrar num mundo paralelo onde, como diria Ruy Belo, “tudo é possível”.

Não há soluções mágicas para formar leitores competentes e críticos, leitores seduzidos, deslumbrados, apaixonados pelo ato de ler, que se deixam cativar e que fazem da leitura um ritual, como nos ensinou Saint-Exupéry a propósito do amor. Ora, o amor aos livros nasce de um imperativo pessoal de querer Mais, de querer ver mais além. Por isso, as crianças não se contentarão com esses livros empobrecedores que, maquilhando-se com uma ilusória capa de cetim, escondem a pobreza do discurso e das imagens, meramente decorativas e destituídas de uma dimensão simbólica. As crianças querem Mais, esperam Mais dos livros. Merecem o melhor. Evoco aqui as palavras de Lúcia Pimentel Góes que, nos anos 70 do século passado, já defendia *que uma criança, precisamente porque é uma criança, merece que os livros que lhe são destinados sejam verdadeiras obras de arte*. No respeito pela sua inteligência, eu diria.

Mas o amor, já o sabemos, tem de ser regado todos os dias, tem de ser alimentado, fertilizado, estimulado. A Hora do Conto é, no jardim de infância, o momento ideal para estimular esse amor e despertar nos mais novos o prazer da leitura, devendo tornar-se um ritual, um momento mágico onde todos se silenciam para escutar, para saborear as palavras, para sentir no corpo e na alma o estremecimento que a leitura apaixonada proporciona. Esse amor deverá ser cultivado ao longo da vida e a escola não se pode demitir dessa função. Em qualquer nível de escolaridade. Também já o sabemos.

E esse amor vive-se, transmite-se, cultiva-se pela pedagogia do deslumbramento a que se refere Luísa Dacosta:

“(…) deslumbramento pela palavra literária, acompanhada da necessidade de criação de olhos interiores, já que essa palavra exige que não percamos o nosso olhar lúdico da infância, um olhar humanizado que nos irmane a todos, um imaginativo que nos dê asas, um olhar sensível, atento às pequenas coisas que passam despercebidas, e o olhar transformacional dos poetas, que não veem as borboletas a voar duas a duas mas um voo dobrado pelo espelho do ar (...)” (Dacosta, 2002: 206).

Regresso atrás. Retrocedo caminho. O adulto também se perde, às vezes, quando

se apaixona, quando fala apaixonadamente do que ama. E é preciso retomar outra direção, fazer novas opções. Recuo então, neste processo labiríntico de me perder para me encontrar, ao título que escolhi, ou que me escolheu, para falar do que me apaixona: a Literatura Infantil.

O subtítulo causará estranheza, por certo, pelo recurso à forma parentética a aconchegar a copulativa. A leitura é ambígua, porque ambivalente, provocatória. No fundo, pretendi demonstrar que a Literatura Infantil contemporânea continua a privilegiar a visão nostálgica da família clássica, apresentada, como nos diz Fernando Fraga de Azevedo, “como o reduto da proteção e do cuidado, o calor que garante a continuidade e a segurança, em oposição aos lugares inóspitos do mundo onde reinam a insegurança e o sofrimento” (Azevedo, 2011: 4-5).

Essa visão da família continua ainda a revelar-se bastante conservadora nos livros para crianças, mas vão surgindo, na cena editorial, obras que arriscam outra forma de ler o mundo. Assumindo-se como superfície refratária do real, a Literatura Infantil apresenta já diversos modelos de família que se coadunam com a atual realidade histórica e social: famílias monoparentais, desestruturadas, reconstruídas, famílias fundadas no amor homossexual, famílias adotantes, famílias multiculturais, ... famílias.

Temas como o abandono, o divórcio, a adoção, mas também os desencontros intrafamiliares e intergeracionais, a morte, a saudade de quem já partiu, de quem habita já o espaço de todos os silêncios, surgem intimamente associados a estas novas representações da família, dando à criança uma outra visão do mundo que a rodeia. Tudo sem falsos moralismos e no respeito pela inteligência do ser em construção. O respeito, sempre o respeito pela criança. E o amor. Naturalmente.

Destaco aqui, a título meramente exemplificativo, alguns livros, cuja leitura recomendo vivamente: não apenas pela mensagem, e por se poderem instituir como instrumentos pedagógicos para utilizar em contexto educativo, mas sobretudo pela subtileza e pela forma poética que todos, de uma forma ou de outra, deixam transparecer. Obra onde, como assinala Fraga de Azevedo,

“(…) se reforça a necessidade de uma visão positiva, globalmente inclusiva e dialogante acerca do outro e da sua receção numa nova conceção de família, a qual, não sendo rigorosamente igual ao do modelo predominante, é, também ele, um espaço onde a afetividade se constrói e os laços familiares se aproximam e germinam” (Azevedo, 2011: 5).

Refiro-me a livros como:

- **O Livro de Pedro** – uma obra que aborda, com subtileza e naturalidade, o tema da homossexualidade, dando uma visão positiva deste modelo familiar não convencional. Nele se narra, em registo autobiográfico e retrospectivo, a infância de uma menina, agora mulher e prestes a ser mãe, junto dos seus pais adotivos – Pedro e Paulo. A criança viveu uma infância tranquila, rodeada de afetos e em harmonia, tendo-se tornado numa mulher equilibrada e feliz. A arquitetura narrativa, sustentada pelo procedimento de *myse en abîme*, e o registo poético-metafórico, conferem à obra uma dimensão literária que se conjuga com uma forte vertente pedagógica, na medida em que se procura desfazer o preconceito normalmente associado às famílias homossexuais.

- **Ser Diferente é bom** – uma obra que tem como tema a diversidade de modelos de parentalidade, tendo como pano de fundo o multiculturalismo. Pedro, Maria e Ion (um menino romeno) são três amigos que convivem pacificamente com as suas diferenças individuais, culturais e sociais (também aqui a menina é criada por um casal homossexual). Esta é uma obra que, como sublinha Fraga de Azevedo, “apresenta dois modelos de parentalidade, assumindo-os como não detentores de qualquer marca de alteridade sob o ponto de vista simbólico” (2011: 6). Trata-se, no fundo, de uma obra que procura apelar, subtil e implicitamente, à consciencialização e à aceitação das diferenças.

- **Tanto! Tanto!** – uma obra que nos apresenta uma família negra onde o clima de afeto é uma constante. Mãe e filho vão recebendo em sua casa os vários elementos da família que, ao chegarem, demonstram, por palavra e gestos, todo o amor que sentem pelo bebé. Tudo num registo enternecedor, dando-nos uma visão positiva desta família, com as suas particulari-

dades culturais, numa clara intenção de apelar à aceitação das diferenças e de combater preconceitos étnico-raciais.

- **Os meus pais estão separados mas não de mim** e **Os meus pais separaram-se** – duas obras fundamentais sobre o divórcio, a primeira da autoria de Inês Borges e a segunda de Paula Pato, que procuram apaziguar o sofrimento que a separação dos pais provoca nas crianças, demonstrando-lhes que o amor dos pais pelos filhos é incondicional, imaculado e para sempre.

- **Grávida no Coração** e **Filhos do Coração** – duas obras que abordam, em registos diferentes, o tema da adoção, demonstrando que o amor pelos filhos não se restringe aos vínculos de sangue. Ambas demonstram à criança adotada que os pais a amam incondicionalmente, tranquilizando as suas angústias e os seus receios de não ser amada.

Estes são apenas alguns exemplos de obras que, associando o registo poético à mensagem positiva que pretendem transmitir, se instituem como preciosos instrumentos pedagógicos de que o adulto-mediador se pode socorrer para estimular o diálogo sobre as diversas conceções de família.

Outros há em que se dá a conhecer à criança a perspetiva dos adultos – como sucede em **Coração de Mãe**, **As Caras da Mãe** ou **Quando a Mãe Grita** – obras que demonstram à criança que, neste caso, as mães podem sentir-se por vezes infelizes, tristes, angustiadas, podem errar, gritar sem razão, mas o amor que as une aos filhos é incondicional e absoluto. Ou livros em que se fala da morte, da saudade dos que já partiram, livros como **O Livro da Avó, já** aqui invocado, ou **Um Avô Inesquecível**, livros que causam um impacto emocional fortíssimo junto dos leitores (de qualquer idade), também devido à expressividade e à riqueza plástica das ilustrações.

É com estes e muitos outros livros para crianças que me sinto em casa. Tenho-os por todo o lado. Trago-os comigo por onde quer que eu vá. Forram as paredes da minha casa, dessa casa que existe dentro de mim e que fui construindo ao longo dos anos. Uma casa sem portas, onde entram todos os amigos e por

lá permanecem. Sem dia nem hora. Por isso, quando, esquecida de mim, me afasto temporariamente para procurar outros caminhos, os livros vêm até mim, por um mero acaso, ou pela mão de um amigo, que me devolve a casa. Uma casa aonde, afinal, sempre regresso. Ao lugar do Amor.

## Bibliografia

Azevedo, F. (2011). *Casaram-se e foram felizes para sempre! Os papéis masculino e feminino na literatura infantil contemporânea*. Disponível em <http://www.ibbycompostela2010.org/comunicaciones1>;

Dacosta, L. (2002). *Leitura e pedagogia do deslumbramento*. Mesquita, A. (coord.). ***Pedagogias do Imaginário: Olhares sobre a Literatura Infantil***. Porto: ASA, pp. 199 – 210;

Magalhães, A. (2002). *Um saco, dois sacos, quatro sacos de livros*. Mesquita, A. (coord.). ***Pedagogias do Imaginário: Olhares sobre a Literatura Infantil***. Porto: ASA, pp. 211 – 214.